

Vamo ali no bar tomar uma: ressignificações dos espaços de prostituição e sociabilidades na cidade de Itabaiana-PB

Let's go to the bar for a drink: new meanings
of prostitution spaces and sociability in the
city of Itabaiana- PB

Vamos al bar a tomar algo: nuevos significados
de los espacios de prostitución y de
sociabilidad en la ciudad de Itabaiana- PB

Flaviano Batista Ferreira

<https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.20307>

PROA

revista de antropologia e arte

dossiê

volume 15 | e025025

resumo

Durante o século XX, a cidade de Itabaiana, localizada no interior da Paraíba, desenvolveu um intenso comércio com a exploração de corpos femininos, que, na maioria das vezes, eram considerados mercadorias e objetos de prazer. Tais mulheres, que viviam em situação de extrema pobreza ou foram seduzidas e abandonadas pelos corruptores, perceberam na prostituição o único meio de sobrevivência em uma sociedade patriarcal, machista e excludente. Passado um século, Itabaiana ainda é considerada uma cidade propícia para prazeres masculinos, uma vez que ainda existem os “barbarés” – cabarés camuflados de bares – onde mulheres fazem da prostituição um meio de sobrevivência. Porém, não aceitam ser tratadas como objetos, mas lucram e tentam obter autonomia social e econômica. O presente trabalho, por meio da metodologia da história oral e da etnografia, relata histórias de vida destas profissionais. Por meio da escuta e observação, abordaremos as sociabilidades enfrentadas, incluindo suas experiências no combate às violências de gênero que ainda existem na sociedade.

Palavras-chave: Prostituição; Experiências; Sociabilidades; Itabaiana – PB.

abstract

During the 20th century, the city of Itabaiana, located in the interior of Paraíba, developed an intense trade with the exploitation of female bodies, which, in most cases, were considered commodities and objects of pleasure. These women, who lived in extreme poverty or were seduced and abandoned by corruptors, saw prostitution as the only means of survival in a patriarchal, sexist and exclusionary society. A century later, Itabaiana is still considered a city suitable for male pleasures, since there are still “barbarés” – cabarets disguised as bars – where women turn to prostitution as a means of survival. Instead of accepting to be treated as objects, they make profits and try to obtain social and economic autonomy. This work, using the methodology of oral history and ethnography, tells the life stories of these professionals. Through listening and observation, we will address the sociability they face, including their experiences in combating gender-based violence that still exists in society.

Keywords: Prostitution; Experiences; Sociability; Itabaiana – PB.

resumen

Durante el siglo XX, la ciudad de Itabaiana, ubicada en el interior de Paraíba, desarrolló un intenso comercio con la explotación de los cuerpos femeninos, que, en la mayoría de los casos, eran considerados mercancías y objetos de placer. Estas mujeres, que vivían en extrema pobreza o fueron seducidas y abandonadas por corruptores, veían en la prostitución el único medio de supervivencia en una sociedad patriarcal, sexista y excluyente. Un siglo después, Itabaiana sigue siendo considerada una ciudad apta para los placeres masculinos, ya que todavía existen “barbarés” -cabarets disfrazados de bares- donde las mujeres recurren a la prostitución como medio de supervivencia. Sin embargo, no aceptan ser tratados como objetos, sino que obtienen ganancias e intentan obtener autonomía social y económica. Este trabajo, utilizando la metodología de la historia oral y la etnografía, cuenta las historias de vida de estos profesionales. A través de la escucha y la observación abordaremos la sociabilidad que enfrentan, incluyendo sus experiencias en el combate a la violencia de género que aún existe en la sociedad.

Palabras-clave: Prostitución; Vivencias; Sociabilidad; Itabaiana – PB.

Vamo ali no bar tomar uma: ressignificações dos espaços de prostituição e sociabilidades na cidade de Itabaiana-PB

Flaviano Batista Ferreira

 <https://orcid.org/0009-0006-5406-3471>

> flavianomaximus@gmail.com

Mestre em História

Universidade Federal da Paraíba

Introdução: “de bar em bar, de mesa em mesa, bebendo cachaça, tomando cerveja”

A música *Risca faca* foi lançada no quarto CD da extinta banda Aviões do Forró, em 2006, e menciona a realidade da vida de mulheres que possuem vida livre e vivem nos bares em diversas partes do Brasil, principalmente em lugares à margem da sociedade. Tendo em vista esse contexto, nesta pesquisa, conheceremos fragmentos sobre a vida e sociabilidades de algumas mulheres que se prostituem nos bares de Itabaiana, município do estado da Paraíba.

A cidade de Itabaiana foi criada pelo decreto de nº 63, do dia 26 de maio de 1891, pelo Governador Venâncio Neiva, inserida na Região Geográfica Intermediária de João Pessoa e Região Imediata de Itabaiana, sendo cidade-sede composta por 5 municípios.¹ Atualmente, tem uma população de 23.182 pessoas, segundo dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2022.

O progresso da cidade de Itabaiana inicia-se no início do século XX, devido à feira de gado² e à chegada do trem, que impulsionava o comércio que favorecia o processo de modernização e a transformação do seu espaço urbano. Em 1914, “Itabaiana já era citada como a mais adiantada cidade do interior paraibano, sendo dotada de calçamento, arborização, luz elétrica, água encanada, telefone e jardins”³ (Maia, 1976, p. 129-130).

1 A Região Geográfica Imediata de Itabaiana, criada pelo IBGE em 2017, é composta pelos municípios de Itabaiana, Mogeiro, Natuba, Salgado de São Félix e São José dos Ramos. Na antiga nomenclatura, Itabaiana localizava-se no Agreste paraibano.

2 Segundo Sabiniano Maia, a criação da feira de gado foi em 1864 e sua extinção ocorreu cem anos depois, em 1967: “Semanalmente, fazendeiros de diversas localidades da Paraíba vinham comercializar seus animais, e, mediante isso, a feira tornava-se o evento mais importante para a economia e estrutura da cidade” (Ferreira, 2023, p. 36).

3 Vejamos algumas datas relacionadas ao progresso de modernização em Itabaiana: em 1905, foi implantado o primeiro calçamento com pedras retiradas do leito do Rio Paraíba. Em 1908, foi fundado o Instituto Nossa senhora do Carmo (Colégio onde estudou o escritor José Lins do Rego, sendo imortalizado de forma memorialista no romance literário “Doidinho”). Em 1909, a cidade possuía, mesmo que de forma precária, um sistema de telefone, que facilitava a comunicação dos coronéis. Em 1910, foi inaugurado o cinema da Conceição. Em 1912, foi inaugurado o sistema de abastecimento com

Os sinais do moderno em Itabaiana nas primeiras décadas do século XX eram visíveis, fazendo com que a cidade fosse apelidada orgulhosamente como “A Rainha do Vale do Paraíba”, pois contava com um comércio pujante de lojas, farmácias, barbearias e dois cinemas. Além disso, possuía aspectos de desenvolvimento e modernização, uma vez que era procurada pelos fazendeiros e negociantes que vinham à cidade para comprar, vender gado e, consequentemente, divertir-se nos famosos cabarés de prostituição da zona boêmia, que alegravam as noites desses visitantes.

Segundo o historiador Ferreira (2023), em Itabaiana, até meados do século XX, existiam seis feiras, que eram realizadas semanalmente, cada uma com sua especificidade, movimentando a economia e cultura local: as feiras de gado, de cavalos, de capim, a do bacurau, de gêneros e a feira do sexo. Ferreira, sobre esta última, denomina “feira do sexo”, o comércio existente nas pensões e bares da zona boêmia, onde homens aproveitavam o aluguel dos corpos das prostitutas como se fossem mercadorias: “Em torno dessa feira, eram realizados a venda de bebidas, comidas, apostas e jogos” (Ferreira, 2023, p. 48). Paralelamente às feiras, ocorriam a prostituição e as sociabilidades na zona boêmia, mobilizando fazendeiros, jogadores, prostitutas, donas de pensão e estabelecimentos propícios para a diversão masculina.

A zona boêmia itabaianense compreendia as ruas 13 de Maio, Antônio Petrônio de Oliveira, a parte final da Rua Floriano Peixoto, Rua Cassimiro Francisco da Silva, Rua Paraíba, Rua Santa Cecília, Travessa Santa Cecília, Rua José Felix Almeida, Rua João Dantas de Moraes, Rua Eritácio Gomes, Rua Belo Horizonte e Rua Santa Rita. Tais endereços compunham o espaço físico que se localizava à esquerda da linha férrea e à margem da cidade e sociedade. De acordo com Ferreira,

Eram ruas marginais efervescentes, com seus bares, casas de jogos e pensões onde os indivíduos não encontravam tais diversões no “centro” da cidade, espaços de um *ethos* masculino em que buscavam satisfazer os prazeres sexuais com mulheres e/ou aproveitavam as diversões populares ocorridas na zona, assistindo ou participando dos pastoris, lapinhas, babau (mamulengos), cantadores de viola, coco de roda, cirandas, caboclinhos, escolas de samba, bois de carnaval e demais festividades que a cidade pudesse oferecer (Ferreira, 2023, p. 69).

O espaço em discussão era uma região culturalmente rica, uma vez que nestes espaços aconteciam manifestações folclóricas e populares que agradavam a pobres, ricos, fazendeiros, visitantes, feirantes, estudantes e curiosos que buscavam diversão nas pensões. Em torno da linha férrea, os homens poderiam ser abordados por prostitutas humildes para realização do programa em alguma casa de recurso da Rua da Palha e adjacências, enquanto as prostitutas mais refinadas ficavam confinadas nas pensões da Rua do Carretel, à espera dos clientes.

Além disso, o espaço boêmio caracterizava-se também como um cenário de liberdades para os homens, empreendimento financeiro para as mulheres que comercializavam seus corpos, bem como para pessoas que estavam diretamente ligadas à prostituição. Algumas prostitutas

chafarizes na rua central e luz elétrica. Em 1914, foram trazidos do Recife os bondes que interligavam a cidade e criação de jornais com circulação diária (Maia, 1976).

vinham de trem de diversas partes, transitando por bordéis que compunham o que intitulamos “a rota sexual do trem”⁴. Elas eram oriundas de Natal, Guarabira, Ingá, Campina Grande, João Pessoa e Recife, fazendo essa trajetória rotineiramente.

Enquanto a cidade desenvolvia sua estrutura urbana e econômica, a zona boêmia fortalecia o comércio em torno da prostituição. Durante todo o século XX, as prostitutas lutavam contra a centralidade capitalista, conservadora, sexista e excludente, que as categorizava como indivíduos sem direitos e à margem da sociedade. Muitas delas estavam naqueles ambientes porque não tiveram oportunidades e sobreviviam com a prática do sexo pago.

A prostituição feminina vem sendo objeto de estudos no Brasil desde a década de 1980, indo além da frase simplista que ouvimos quando afirmam que é a “profissão mais antiga do mundo”. Essa é uma construção simplória, pois “generalizando o termo “prostituição” para denominar práticas sexuais ilícitas desde os primórdios da humanidade, pode ser uma atitude enganadora: armadilha do desejo de manter inalterados os vínculos com o passado longínquo idealizado” (Rago, 2008, p. 25).

De acordo com Margareth Rago (2008), na sociedade brasileira existiram vários estigmas construídos ao longo da história para se referir às prostitutas. Elas eram geralmente associadas à fêmea fatal, explorada pelo cafetão/cafetina, que não teve outras alternativas a não ser alugar os corpos, mulheres consideradas indignas, barraqueiras, violentas, ladras, entre tantos outros modelos estereotipados ao longo dos anos. Não negamos a existência dessas imagens, mas verificamos que existem outras características que precisam ser abordadas pela historiografia.

Acreditamos que a prostituição envolve discursos e práticas disciplinares misturadas com amores, desejos e afetos das relações econômicas em algum lugar apropriado para o comércio do sexo consensual e gratificado. Tomando esse cenário como tema, o objetivo deste artigo é conhecer quais resquícios existem na prostituição da cidade de Itabaiana-PB na atualidade, compreendendo que as prostitutas não aceitam ser tratadas como objetos ou mercadorias como acontecera no século passado, mas mulheres que estão na prática da prostituição e tentam obter autonomia econômica e social.

Por meio da metodologia da história oral e da etnografia, mostraremos histórias de vida e o cotidiano de algumas profissionais do sexo que estavam nos momentos que fizemos as observações, escuta e entrevistas. Relatarei, desse modo, as sociabilidades, violências e dificuldades enfrentadas, incluindo suas experiências cotidianas na vida da prostituição ocorrida

4 Consideramos a “rota sexual do trem” o trajeto realizado pelas profissionais do sexo que trabalhavam nas principais pensões, bordéis e cabarês, fazendo o percurso de trem nos estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Essa conclusão decorreu devido aos relatos dos colaboradores ao comentarem de onde e como as mulheres chegavam a Itabaiana. Era comum elas frequentarem as pensões de Itabaiana nos dias de segunda e terça-feira, onde ocorria as feiras de gado e livre. Com o término, tomavam o trem e seguiam destino para outras cidades nas quais havia feiras e, consequentemente, lugares para trabalhar. Inclusive, as historiadoras Uleba Nascimento (2008) e Hercília Andrade (2014) abordaram a temática das mulheres se locomoverem de trem como uma espécie de prostituição andarilha nas cidades das rotas cortadas pela linha férrea (Ferreira, 2023, p. 61).

nos bares. Parto do pressuposto de que cada indivíduo, enquanto sujeito histórico, interpreta os fatos acontecidos, construindo uma narrativa representativa particular do ocorrido, modificando, muitas vezes, com base em suas vivências e tempo presente. Ademais, compreendo que o tempo, memória, espaço e história caminham juntas por uma relação de apropriação e reconstrução parcial da memória pela história.

Os relatos orais serão a principal fonte de pesquisa, pois, através deles, pude ampliar o conhecimento das experiências das mulheres consideradas infames e que estavam em situação de prostituição nos bares. Por sua vez, o método etnográfico, a partir das lições de Everett Hughes, permitiu-nos através do olhar e das observações, produzir narrativas e interpretações do *modus vivendi*. As observações, o registro em diário de campo, as conversas informais e as entrevistas semiestruturadas me possibilitaram compreender o ponto de vista das profissionais do sexo.

Prelúdio: “Tem cabaré essa noite”⁵

Nas últimas décadas, a historiografia brasileira tem voltado as suas produções para estudar a prostituição social e os lugares de espaço que ela ocupa na sociedade. Geralmente, descreve-a como um ambiente carregado de discursos ambíguos de poder, onde a prostituta é colocada na dualidade de vítima ou explorada. Segundo a historiadora Mary Del Priore (2003), as pesquisas tiveram início na década de 1970, através dos estudos da mentalidade devido ao amplo debate trazido pela História Cultural, quando surgiu a necessidade de “compreender os grupos de gênero no passado e a construção de papéis sexuais, seus significados e significações” (Del Priore, p. 231, 2003).

Atualmente encontramos uma diversidade de filmes, séries, novelas, músicas e livros que abordam a temática da prostituição na sociedade. Na literatura brasileira, destacamos as produções autobiográficas de ex-profissionais do sexo que, devido às subjetividades, narram suas aventuras no mundo da prostituição. Entre tais produções de áudio, visuais ou audiovisuais, estão *O doce veneno do escorpião*, de Bruna Surfistinha (2005); *Diário de Marise*, de Vanessa de Oliveira (2006); *O prazer é todo nosso*, de Lola Bevenutti (2014); *Putafeminista*, de Monique Prada (2018); e *E se eu fosse puta*, de Amara Moira (2016) entre outras.

Essa diversidade de produtos mercadológicos *aguça* o imaginário da população sobre o cotidiano da vida das profissionais do sexo. Corroboro com Gabriela Leite ao afirmar que “a prostituição incomoda por ser espaço das transgressões, que expõe algumas ideias de interesse direto para o indivíduo. Por isso concentra atenções” (Leite, 1992, p. 14). De acordo com a *putativista* Monique Prada, “O universo da prostituição é muito amplo. As trabalhadoras sexuais existem em múltiplas realidades e nem todas têm histórias de vida parecidas”. (Prada, 2018, p. 39). Assim sendo, compreendo a prostituição como uma rede complexa e múltipla, que se move de acordo com as diferentes realidades, mas, por meio de experiências e culturas

5 Música viralizada na voz de Nivaldo Marques e Nattan, no período junino em 2022. A letra demarca os lugares de gênero, delimitando o *ethos* masculino.

diferentes, reforça o lugar de poder e as desigualdades ocorridas nas relações de gênero.

Contudo, afirmo a importância desses estudos para entender a situação de mulheres que estão em práticas da prostituição, principalmente devido à consciência que elas têm de si mesmas e o rompimento do silêncio que lhes fora imposto, contrariando, muitas vezes, o papel de espectadoras, cúmplices, ansiosas e solidárias (Perrot, 2005).

Esses debates começaram na década de 1980, e mesmo sendo recentes, ao fazer uma pesquisa rápida na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) percebi que existem pouquíssimas pesquisas na área da história da prostituição social no Brasil. Encontrei, no entanto, muitos trabalhos no âmbito das Ciências Sociais e Psicologia, enfocando principalmente os grandes centros urbanos. Na Paraíba, em específico, há os trabalhos de Brasil (2012); Silva (2015); Garcia & Souza (2016); Diniz (2016) e Pereira (2019).

A dissertação de Daniele Marinho Brasil, intitulada “A prostituição feminina e a associação de prostitutas da Paraíba: movimento social, luta política e reivindicação de direitos”, pesquisou como as mulheres que participam da Associação de Prostitutas da Paraíba (APROS-PB) lutam pelo reconhecimento social e pela garantia de direitos, fundamentando-se no combate ao preconceito para com a classe. O trabalho foi pioneiro no estado por defender o protagonismo das prostitutas na capital paraibana, dando visibilidade e voz ao movimento organizado.

A antropóloga Lívia Freire da Silva apresentou a dissertação “Vender as carnes: prostituição no litoral norte paraibano”. Tem-se como diferencial a análise das relações de gênero em áreas de território de aldeias indígenas Potiguara e Baía da Traição, no Litoral Norte do estado. A pesquisadora enfocou como o turismo influenciou a prática da prostituição, bem como mostrou o cotidiano e os fatores que levaram as mulheres a se envolverem na atividade.

O livro *Primas: retratos da prostituição feminina na Paraíba*, de Loreley Garcia e Silvana de Souza Nascimento, foi elaborado a partir da pesquisa “Nas armadilhas do Desejo”, em que as pesquisadoras misturaram técnicas da Antropologia e Sociologia. Os sujeitos de pesquisa foram prostitutas que trabalham na BR-101, perto de bares, rios, matos e quartos de motéis localizados em áreas rurais indígenas do Litoral Norte da Paraíba (nas cidades de Mamanguape e Baía da Traição) e região do Brejo (Guarabira, Mari e Sapé). Nessas regiões, as mulheres que oferecem serviços de prostituição geralmente começam cedo e tentam se manter na invisibilidade social, pois preferem o anonimato, uma vez que moram em cidades pequenas.

Ainda no cenário do desenvolvimento de pesquisas sobre a temática, a geógrafa Ana Cláudia Araújo Diniz desenvolveu a pesquisa “Poder e Sexo: uma análise dos territórios de prostituição no centro de Campina Grande-PB”, a qual trouxe a cartografia da prostituição de mulheres cis e trans e masculina no centro da cidade. A pesquisa mostrou que a prostituição acompanhou o crescimento urbano da cidade durante as décadas, reflexo de construções econômicas, culturais e sociais. Os territórios mapeados emergem de espaços de exclusão e segregação, criando normas de resistência, pertencimento e sociabilidades.

De maneira mais delimitada, em 2019, a socióloga Nataly Barros Pereira, com a dissertação “Vivendo na batalha: um estudo sobre o trabalho de prostitutas na feira central em Campina Grande (PB)”, desenvolveu a pesquisa tendo como cenário a tradicional feira de Campina Grande. Na pesquisa, é apresentado que as profissionais do sexo utilizam esse espaço para trabalhar “vendendo seu corpo” para quem deseja, desconstruindo a imagem da vítima que lhes é imposta, mostrando que as mulheres construíram formas estratégicas de resistência e sobrevivência.

Esses trabalhos mostraram a mim como a temática está sendo explorada em cidades consideradas importantes da Paraíba, refletindo problemas estruturais nos enfrentamentos de estigmas, precarização do trabalho sexual e, muitas vezes, relegados a um fator de sobrevivência de mulheres que vivem em algumas cidades do Litoral Norte, Brejo, Campina Grande e João Pessoa. Nesse contexto, atestei em Itabaiana quais os motivos pelos quais algumas profissionais do sexo são envolvidas em ambientes hostis, degradantes e violentos, assim como a presença da interseccionalidade em questões de raça-classe e dependência econômica devido à falta de emprego na região.

As heterogeneidades complexas que compõem as narrativas citadas ajudaram-me a pensar como ocorrem as práticas de prostituição nos *barbarés*⁶ da cidade. Utilizei como problemática para esta pesquisa a necessidade de compreender as relações afetivas, de poder e de tensões presentes nos discursos das mulheres que não são passivas e submissas, mas protagonistas ao utilizar a prostituição como uma forma de autonomia e sobrevivência, visto que enfrentam as adversidades do contexto em que estão inseridas.

Este texto, a partir do olhar etnográfico, busca apresentar as experiências da prostituição feminina nos *barbarés* destinados à venda de bebidas e mercado do sexo. Pretendo descentralizar o espaço da prostituição das grandes capitais e centros urbanos que são visíveis e deslocar a pesquisa para uma pequena cidade do interior da Paraíba, historicamente marcada pelas potencialidades das relações sexuais consensuais e pagas, embora, na maioria das vezes, silenciadas e silenciosas.

“Vou deixar a casa e vou morar no cabaré, pra viver a vida inteira arrodado de mulher”

A música “Morar no Cabaré”, de Tom Oliveira, gravada nos anos 2000, reforça a imagem de um homem “raparigueiro”. Grosso modo, seria um sujeito que frequenta constantemente o cabaré e tem mais de uma mulher, seja ele casado ou solteiro. Por viver no Nordeste brasileiro, ser homem era estar nesses recintos, demonstrando virilidade e masculinidade. Se recorrermos à história de Itabaiana, entenderemos o porquê de ela ser considerada na região como “O Paraíso dos Homens”, pois existiam pensões noturnas que eram sinônimos de prazer e diversão.

⁶ Cabarés camuflados de bares.

A prostituição da zona boêmia foi objeto de minha pesquisa no mestrado em História, justamente porque as pessoas com quem conversava narravam suas experiências a respeito da temática, o que despertou em mim o interesse em histórias consideradas sujas e degradantes por algumas pessoas. Mas, durante a construção do trabalho entre os anos de 2022 e 2023, inquietava-me conhecer os resquícios da prostituição na cidade, uma vez que, em dias atuais, perante os apagamentos e invisibilidades, os homens ainda buscam esses lugares pagando para ter relações sexuais com profissionais, embora que, na maioria das vezes, escondido, a fim de evitar fofocas.

Neste mesmo período, uma vizinha minha, de 45 anos, traiu o marido, abandonou a casa e os dois filhos, optando por cair na “vida do brega”⁷. Paralelamente, uma jovem da mesma rua, de 18 anos, estava se prostituindo nos bares da cidade e região. Envolvido com a frase do historiador inglês Peter Burke, o qual afirma que “A função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer”, e também observando os contextos citados, passei a amadurecer a ideia de visitar e conhecer os barbarés que existem na cidade.

No decorrer da pesquisa, constatei alguns pontos importantes. O primeiro deles foi o deslocamento dos espaços de diversão, existindo apenas um barbaré localizado na Rua 13 de Maio⁸, fechado no final de 2023. Encontrei o segundo barbaré próximo à feira de gado, no Sítio de Cariatá, lugar estratégico para o seu funcionamento, uma vez que a feira ocorre aos domingos pela manhã e, além de ser afastado da cidade, é um ambiente extremamente masculino, pois é frequentado por grandes e pequenos agropecuários e conseqüentemente, possíveis clientes. Visitei o lugar, fiz anotações e conversei com um dos funcionários do bar. Quando terminei a pesquisa do mestrado, o bar tinha fechado.

O terceiro ponto foi cartografar os bares onde as profissionais do sexo trabalham. Este local foi mais fácil, pois a nova zona boêmia de Itabaiana concentra-se às margens da rodovia estadual PB-054, na saída para a cidade de Juripiranga-PB. Nesta região, encontrei três bares e um por trás da Avenida Suburbana.

Todos os dias, para me deslocar para o trabalho, tráfego nesta rodovia. Por várias vezes, ao passar de carro, avistei mulheres com roupas curtas, exibindo-se e convidando os homens para entrar nos bares. Outras vezes, em suas proximidades, deparei-me com mulheres com as mesmas características pedindo carona para chegarem à cidade de Juripiranga, pois, a partir de lá, poderiam ir ao município de Pedras de Fogo.⁹

7 Para se referir à prostituição, em alguns lugares, são utilizadas expressões como “vida no brega”, “cair na vida” e “batalhar para ganhar a vida”.

8 No interstício da pesquisa do mestrado, essa rua compreendia dezenas de lugares que comercializava sexo.

9 Itabaiana, Juripiranga e Pedras de Fogo são cidades que fazem fronteira com o estado de Pernambuco, motivo pela escolha de algumas prostitutas pernambucanas virem trabalhar nestas localidades. Na segunda cidade, há dois bares e na terceira mais de dez. Reforçamos a importância de uma pesquisa na região, pois, até o presente momento, não existe nenhuma relacionada ao tema.

O quarto ponto foi ir a campo, visitar os bares e conversar com algumas profissionais do sexo. Fiz observações, entrevistei-as. Em outros momentos, conversei informalmente com o garçom do bar que faliu e na construção desta pesquisa, entrevistei uma Agente Comunitária de Saúde que faz trabalhos preventivos e de conscientização de infecções sexualmente transmissíveis junto com a Associação de Prostitutas da Paraíba (APROSPB),¹⁰ bem como com um motorista que geralmente é contactado para fazer o deslocamento de algumas mulheres para a capital pernambucana.

“Cheguei no cabaré, tá cheio de mulher, ruiva, loira e moreninha, jeito que a gente quiser”¹¹

Um misto de medo, nervosismo e ansiedade, era 14:35 quando entrei em um barbearia pela primeira vez, sentei na mesa, esperei alguns minutos e ninguém chegou até mim. Era um salão enorme, tinha 10 mesas com cadeiras, no lado esquerdo, estava lá duas mulheres com dois homens bebendo, no lado direito ao fundo do bar, havia duas mulheres que continuaram mexendo no celular e não deram atenção para mim. Minutos depois, fui abordado por uma senhora que perguntou o que queria. Fui direto, perguntei se aquelas meninas faziam programa, ela disse que sim, pedi para convidar. Ela me perguntou qual poderia vim, eu apontei para uma magra tatuada. A mulher saiu e rapidamente Kelly se aproximou, expliquei o motivo para o qual estava ali, pois estava fazendo um trabalho para a universidade e precisava conversar com ela¹². Perguntei se topava conversar comigo e que não iria expor seu nome, pois o meu objetivo era outro. Ela pediu apenas cinco minutos e saiu, quando voltou percebi que tinha tomado banho e me pediu para acompanhá-la. Me levou para o quarto que ficava do lado esquerdo ao fundo do bar. Era o único que estava reformado e servia para encontros sexuais (Diário de Campo, 14/09/2022).

As anotações do diário de campo, relataram a primeira vez que fui a um barbearia e tive contato com uma profissional do sexo. A partir desse momento, apresento-lhes duas histórias que contribuirão para que conheçamos e entendamos como é o cotidiano, sociabilidades e

10 Desde 2001, a associação realizou em Itabaiana, entre os anos de 2010 e 2019, doze visitas, em 04 casas de prostituição, atendendo a um público aproximado 250 pessoas entre prostitutas e clientes, realizando teste de ISTs e HIV. Os dados aumentaram, mas a associação não atualizou o site. Para dados gerais, ver https://prosas.com.br/empreendedores/5192-apros-pb-associacao-das-prostitutas-da-paraiba#!#tab_vermais_descricao acesso em 15 de dezembro de 2024.

11 A música “cabaré bom da mulesta”, foi gravada em 2022 pelo cantor Glício Lee, apresenta a prostituição nos bares da Rua da Palha em Pedras de Fogo. A cidade possui dezenas de bares destinados à venda de bebidas e ao mercado do sexo. Nesses ambientes, o cliente paga uma quantia ao dono do bar pelo uso do quarto e outra quantia para a prostituta, como cita a música. “É 50 do quarto, 200 pra ela”.

12 Kelly inicialmente ficou receosa em conversar comigo, mas falei que iria pagar pelo equivalente a um programa, caso ela aceitasse. Quando fiz a proposta, imediatamente ela se prontificou em contribuir com a pesquisa. Tempos depois, descobri que existe uma regra para trabalhos como esse. A APROS-PB recomenda que, para trabalhos acadêmicos, a profissional do sexo cobre pelo momento com o pesquisador, e, se for para uso da imagem, aumente o valor, pois ela está em seu ambiente de trabalho, e, possivelmente neste momento poderia estar com algum cliente.

histórias de algumas mulheres que vivem na prostituição como uma forma de sobrevivência, ter autonomia e superar as adversidades encontradas no trabalho.

Como forma de preservar a originalidade e riqueza dos diálogos, optei por transcrever fragmentos das entrevistas, uma vez que corroboro com Sebe Meihy ao afirmar que: “As vozes das participantes, além da contextualização cabível, ganham sentido na medida em que permitem um olhar de dentro, contam uma história, que precisamos aprender a ouvir e respeitar” (Meihy, 2015, p. 31). Posteriormente, farei análises a respeito destas falas.

Antes dos relatos, também afirmo aqui a necessidade de manter as expressões, gírias e manifestações estilísticas pessoais das entrevistadas a fim de preservar a identidade dos sujeitos. No ato de transcrição, fiz apenas a adaptação à norma padrão e uso de pontuação, tendo em vista a fluidez da leitura.

Relato de Kelly¹³ em 14/09/2022:

“Eu sou de Olinda- PE, tenho 24 anos, comecei a fazer programa com 19/20 anos, por causa do filho, na época ele estava com câncer, na fila do SUS à espera de um transplante de fígado. Os remédios eram muito caros, e eu não tinha dinheiro para comprá-los. Então, entrei na vida até conseguir o auxílio benefício dele. Tempos depois consegui. Na época, ele estava com 1 ano e 10 meses, mas agora eu tenho mais dois filhos, sou mãe solteira, mãe solo como dizem. O pai presente é só o do meio.

Minha família sabe que eu faço, eles não dizem nada porque não tenho como trabalhar de carteira assinada devido ao benefício dele. O emprego lá em Olinda é bem complicado, não tenho estudo completo, parei no 2º ano do ensino médio. Na época, não dava para conciliar filho doente e estudos. Não ligo para o que as pessoas dizem; acho que sou uma pessoa perturbada da mente, às vezes posto foto, faço boomerang e vídeos nas minhas redes sociais; na verdade, divulgo bastante minha vida dentro do bar. Não coloco ou defino que estou no cabaré, mas as pessoas de fora que já frequentaram ou frequentam sabem, principalmente quando não me toco e posto foto com a máquina de música, então elas reconhecem e perguntam: onde fica esse bar ou cabaré?

Eu não tenho vergonha de me expor, sou maior de idade, não estou aqui forçada, nem amarrada. Eu estou aqui porque preciso, como te falei; a necessidade me obriga, na verdade, cada um sabe sua necessidade. Não estou aqui porque quero ou gosto, eu preciso, é uma humilhação essa vida que eu vivo, muita gente julga, e não é fácil a gente se deitar com alguém sem sentir nada, apenas pela questão do dinheiro, pela necessidade. É muito chato. Tem clientes que não querem tomar banho, é fedorento, reagem mal com a gente no quarto, gritam quando passa os minutos que ele pagou e não chegou ao orgasmo, culpam a gente por não conseguirem. Na maioria das vezes, estão muito embriagados ou drogados e não conseguem, então não é culpa nossa, mas temos a obrigação de ficar até terminar o tempo que ele pagou.

13 Os nomes foram trocados para preservam as identidades dos envolvidos na pesquisa.

Já me deparei com homens violentos, nunca me bateram, mas foram agressivos com palavras. As vezes digo: Bom dia! Boa tarde! Boa noite! Pergunto se posso me sentar com ele junto à mesa, e sou recebida com fora ou agressividade, então me afasto. Quando estou alterada, reajo, falo alto, digo que estou trabalhando, que aqui é meu ambiente de trabalho, ele não é obrigado a nada, fui por educação para atendê-lo, para perguntar se ele desejava companhia e não precisava me tratar dessa forma. Por isso, às vezes não chego junto, espero eles me chamarem. A maioria dos clientes gostam de aborrecer, então fico constrangida, de tanto fora que levei acabo me afastando, essa situação é muita chata.

Eu me considero uma mulher normal, me julgam “rapariga”, mas, assim como as outras pessoas, não tive tantas oportunidades na vida. Infelizmente estou abraçando o que a vida está me propondo no momento, meu trabalho é como qualquer outro. A gente é ser humano, é de carne e osso. Às vezes sinto prazer com eles, é impossível não sentir nada. Geralmente isso acontece quando é um cliente fedorento, bruto, acha porque está pagando um valor x, acha que tem o direito de fazer o que quiser, mas comigo, isso não funciona deste jeito, aqui é meu corpo e minhas regras. Sei que existem garotas de programas que aceitam ou se submetem, então não podemos culpar apenas os clientes, muitas fazem e eles acham que todas farão do mesmo jeito, só que temos que perceber que cada caso é um caso.

Eu tenho clientes fixos. Fiquei com eles no começo, gostaram, como eu falei, e quando eles gostam das meninas, geralmente só procuram aquela pessoa, mas também quando chega menina nova, eles desfocam, mas depois voltam. Os que me procuram geralmente são co-roas; é muito raro encontrar um menino novo aqui. Teve um cliente que marcou, me tirou aqui do bar, levou para casa dele, a gente viveu uns momentos bons por alguns meses. Foi bom e ao mesmo tempo não foi porque me atrapalhou, tirou do meu foco. Eu vim para cá com o objetivo de conquistar algo para mim e para os meus filhos, mas quando me envolvi com ele foi no interesse de mudar de vida. Achei que fosse a pessoa que ia me tirar deste lugar, me ajudar a buscar meus filhos, e ter uma vida normal, porém não deu certo. Quando acabamos, voltei a fazer programas, ele me procurou aqui, mas não voltei, não quero, precisei voltar ao meu foco. Agora ele está internado numa clínica em João Pessoa, sofreu um acidente de moto, isso vai fazer um mês.

Eu cheguei aqui vai fazer sete meses, ainda não fui em casa, estou hospedada no bar, não pago nada, nem hospedagem nem alimentação o dono do bar paga até as passagens, isso é bom. Aqui dá para ganhar dinheiro, depende muito do movimento, final de semana a partir de quinta a domingo é bom. Essa semana trabalhei todos os dias. Um dia fiz um programa, no outro fiz dois, ontem não fiz nenhum, mas sábado retrasado eu sozinha fiz foi oito ou nove programas, não lembro agora. E ainda tem pessoas que maldam, dizem que a prostituição é uma vida fácil, mas sabemos que não é. Acredito que seja um dinheiro amaldiçoado, porque não é de Deus, perante a bíblia é pecado. Mas, quem não peca? Tem mulheres que se acostumaram nessa vida, fazem dois programas em um dia e ganham 100 reais; ganha em um dia mais do que uma pessoa assalariada. Mais uma vez repito: não é fácil. Só o fato de a gente ter que se prestar a deitar-se com alguém que a gente não gosta, não sente prazer,

somente por dinheiro, porque necessita dele. Então isso para mim não é uma vida fácil, é uma vida dura, difícil e sofrida. Eu sonho um dia ter meu canto próprio para ficar com meus filhos e fazer alguma coisa que eu possa fazer e me ocupar.”

Relato de Bia em 24/01/2023:

Eu sou de Olinda/Recife – PE, tenho 20 anos, quem me trouxe foi uma amiga que vivia nesse meio e eu já trouxe outra amiga. Então é assim, uma puxando a outra que já é do meio, a gente já se envolvia com vários homens por dinheiro. Eu nunca tinha vindo para um cabaré, foi a primeira vez, já tinha me envolvido com homem errado, já me envolvi com homem noivo, casado. Lá em Recife a gente ia para o corre. Vai para uma *vibe* com gente que tem dinheiro, no motel a gente bebe, se droga, às vezes tem mulher que não usa. Eu já usei muito pó, cheirava muito, fumava maconha, mas parei, então rola de tudo, ficamos à disposição deles.

Eu já fui acompanhante de luxo, saía com os clientes que levava pra jantar, eles pagam só pra ter alguém, tem homens que passa por problemas em casa com a mulher e quer conversar, desabafar, porque assim, se ele está me pagando, ele nunca mais vai me ver, então fica mais fácil falar. Eu acho muito pesado quando fala assim olha ali uma puta, uma rapariga, eu digo: ‘não, eu tenho nome, eu gosto de ser chamada pela minha graça’.

Eu comecei a fazer isso com 17 anos, mas depois que conheci meu parceiro aos 19 eu parei, porém, faz três meses que entrei nessa, justamente porque ele se foi, era quem me ajudava, me dava as coisas, eu sofri muito, fiquei prestes a entrar em uma depressão, minha cabeça mudou, então para poder comprar o que quero, estou aqui, não gosto, mas tenho metas, quero alugar minha casa, dividir com minha amiga que veio comigo, próximo mês irei tirar a habilitação. Tenho que construir um pé de meia, porque, querendo ou não, tem dias que a gente acorda com vontade de chorar, sabe? Porque a gente passa muita coisa, principalmente se deitar com uma pessoa somente para transar.

A prostituição é um dinheiro que entra rápido, e ao mesmo tempo acaba, é como se fosse um dinheiro amaldiçoado, é uma aventura boa e ao mesmo tempo não, é cansativo, às vezes a gente não acorda bem da cabeça e não tem que passar o que está sentindo, o cliente espera sempre uma energia boa. Todo mundo diz que é uma vida fácil, mas não é, só quem passa sabe. O mais difícil foi me adaptar à hora de dormir porque eu não conseguia, passava muitas coisas na minha cabeça, e dizia: ‘meu Deus o que estou fazendo aqui?’ No decorrer do tempo, tem que se adaptar a esta vida, mas infelizmente tem dias que acordo e digo ‘ai meu Deus, não quero ir’.

Às vezes eu digo que o dono desse bar é um amigo, um pai, porque ele tem uma família, então quando a gente está menstruada, trabalhar com dor, é tenso. O ruim que a gente já é estressada por vida, e com TPM tudo é mais complicado. Eu tenho uma amiga minha que passou três meses aqui, eu não aconselho, passo geralmente quinze dias e já estou surtando. Lá em casa, somente minha mãe sabe que vivo assim. Eu digo que vou viajar, mas se passa

na cabeça dela, porque chego com dinheiro, embora ela não aceita de forma alguma, já meu pai e minha irmã nem sonham o que faço quando estou no mundo.

Nesse pouco tempo, já passei por muitos perrengues, como estar com o homem dentro do quarto e, quando ele tirou a roupa, eu olhei para o chão ele estava com uma faca enrolada. Aí perguntei: ‘por que tu anda armado?’ Ele estava bêbado, mas disse que, nessa área, as pessoas andam assim; mas você já fica cismada; ele bêbado, mas, como o dono do bar conhece muita gente, ele nos diz quem presta ou não, então fiquei mais relaxada. Outra vez teve um sujeito que quis me pegar à força e se você não se ligar, tiram a camisinha. Teve um que deitei, me propôs pagar 500 reais para transar sem camisinha. Então eu disse que não trabalhava desta forma. Aqui a gente não beija, não chupa, porque pode pegar doença. O cliente pode ter o rosto bonito, mas isso não quer dizer nada.

Em relação aos clientes, já atendi muito novinho de 19 e 20 anos, mas fiquei impressionada com um senhor de 68 anos. Eu disse: ‘meu Deus, ele parece meu avô’. Ficou comigo uma vez, na outra com minha amiga, e em outra com as duas ao mesmo tempo. Por que tu sabes né, tem homens que tem fetiche. A posição que eles mais gostam é de quatro ou de frente. Mas é raro eu ter prazer, geralmente são todos mecânicos. Tem um novinho que vem todos os dias para ficar comigo, mas até então é só sexo mesmo. A mulher precisa ser muito boa para não demonstrar isso para eles, mas os homens se abestalam muito fácil com mulheres, geralmente quando a gente está na posição de quatro, ele gemendo e a gente olhando para parede esperando ele gozar, então eles felizes e a gente também porque acabou.

Teve um dia que fiz oito programas, só tive prazer em apenas um, não foi forçado, foi maravilhoso, o cliente tinha pegada, perguntou se podia dar tapa, puxar o cabelo, como eu gosto da safadeza, pronto, foi ótimo, nem precisou usar o lubrificante. Não foi agressão porque eu gosto assim, mas se fosse algo grave, chamava o dono do bar para me defender, por isso fico com eles aqui dentro, se me convidarem não saio, porque a partir do momento que entrar no carro, ele pode me levar para qualquer destino.

Entre as meninas, sempre rolam atritos, ciúmes e briguinhas, basta uma fazer mais programa que a outra. Quando eu cheguei com minha amiga, os clientes só queriam as novatas. Não chegamos a se agarrar, brigar, discutir por conta de ciúmes, mas existe intrigas que fazem para o dono, teve um cliente que ficou comigo e uma menina era apaixonada por ele, então ela começa a queimar a gente, ficava com leva e traz, como diz lá em Recife, ela se despeitou, querendo ou não, isso gera inveja.

O que mais escuto dos clientes quando conversam, são os elogios em relação a minha beleza, que sou simpática e diferente das outras meninas, que não era para gente estar aqui, porque o valor cobrado é pouco, mas tudo é experiência. Em março eu e minha amiga iremos para a Bahia, lá o preço do programa é 400 reais, já temos o local, uma amiga que está lá vai nos levar. A meta é ficar 15 dias ou mais, porque em Salvador a *vibe* é outra, todos os dias vão à praia ou piscina, aqui enfada, todos os dias a gente fica fazendo nada, às vezes vou ao centro da cidade apenas para andar, ver gente, aqui é mato de um lado e de outro.

Embora aqui trabalhe muito, o bar começa a funcionar quando tem cliente, geralmente abre às 20h até as 22h. Mas é assim: segunda, terça e quarta, o movimento é fraco, mas quando começa quinta, sexta e sábado, o bicho pega. Teve um dia que eu disse, meu Deus do céu não aguento mais, eu fiz oito programas durante todo o dia, mas como estou aqui com o objetivo de fazer dinheiro, querendo ou não, a vida da gente é feita de escolhas, não é essa questão de não ter oportunidade, não acredito que seja isso. Às vezes a gente quer o caminho mais fácil, e aqui ganhamos dinheiro. Eu tirei em seis dias mais que um salário mínimo”.

“Soltaram uma bomba no cabaré, voou pra todo canto pedaço de mulher”¹⁴

As personagens Bia e Kelly, assim como as profissionais que conversei informalmente, são vítimas da exclusão social. Mulheres com sonhos e que lutam para ter o mínimo de dignidade, nos barbearés, são relegadas a um objeto, mercadeja o corpo para ganhar dinheiro e sustentar a família. Além disso, começaram a vida sexual muito cedo, engravidaram e foram abandonadas pelos pais das crianças, tornando-se mães solas e que, por falta de oportunidade, se prostituem para se sustentar e dar condições melhores para a sua família.

Expostas a todos os tipos de violências, principalmente a psicológica, repetiram em suas falas que a vida fácil que todos julgam exercê-la não existe. Há dias que, ao acordar, o que mais desejam é ficar deitadas, mas precisam esconder a tristeza, colocar um sorriso no rosto e ir para a batalha no salão. Foi em dias como esse que foram realizadas as entrevistas. Kelly estava triste porque, ao falar com seu irmão pelo telefone, percebeu que estava drogado e não a reconheceu. Por isso, quando cheguei ao bar, ela fingiu que não me viu para não ser chamada a fazer o programa, mas, ao revelar meu objetivo, sentiu-se aliviada porque não precisava ter relação sexual para obter o dinheiro do programa. Bia, por sua vez, relatou que na prostituição tem dias que o clima é pesado, em outros se diverte, mas aquele, em específico, era um dia que ao acordar, estava mal, a rotina deixava cansada e contava os dias para voltar para casa.

Perguntei para elas qual a sensação que estavam sentindo nesse momento ao relatar suas vidas para uma pesquisa da academia. Elas riram. Em alguns momentos da entrevista dava para perceber a tensão. Inicialmente, eu mal escutava Kelly devido a sua timidez, mas foi se soltando aos poucos e falou que estava gostando da experiência, pois “Deus sabia de tudo, no início estava muito triste e no final estava bem leve”. No tocante a Bia, relatou que era estranho, porque sempre assistia na televisão a essas histórias e nunca pensou que um dia isso poderia estar acontecendo com ela. Mas a experiência estava sendo tranquila, melhor do que estar fazendo um programa ou conversando com um cliente chato. Mas confessa “que não teria coragem de contar a vida dela para algum conhecido, só aceitou porque sabia que nunca iremos nos encontrar a não ser que fosse coisa do destino”.

14 A sátira musical *Bomba no cabaré*, da banda de forró Mastruz com Leite, foi gravada em 2007. Nela, percebemos o descaso da violência velada sofrida pelas profissionais do sexo e replicadas cotidianamente em bares, ruas ou em qualquer lugar que tenha prostituição.

Destaco a relação delas com a espiritualidade. A maioria é cristã e, em vários momentos, falou o nome de Deus, bem como comentou que estava em pecado e que o dinheiro da prostituição é amaldiçoado, uma vez que gasta rápido, presente em falas como “Ele vem fácil, mas também some”. Contudo, algumas preferem a prostituição a ser uma assalariada, pois ganham mais, mesmo que com isso sofram violências de gênero e precisem estar atentas o tempo todo, pois, se precisarem, usam as artimanhas e ferramentas que encontrarem no momento. Laís¹⁵ narrou um fato que teve de usar a força e a inteligência para se defender.

Tem clientes que pensa que porque está pagando, pode fazer o que quiser com a mulher. O incrível é que em um programa, teve um cara que quis mudar de posição e achou que eu era abestalhada sabe, aí ele tirou a camisinha e queria botar sem, eu dei um empurrão nele com o pé, ele bateu a cabeça na parede do quarto e disse: você está doida! Eu disse: Doido está você. Então ele começou a segurar meus braços. Isso é estupro! Eu fiquei muito indignada. Eu tenho um estilete que ando, quando ele deu um vacilo, peguei e disse eu mato você! Eu enfio ele todinho em sua veia aorta! Ele não esperava isso, então ficou com cada botica de olho, olhando para mim. Pedi para ele sair do meu quarto. Se ele tentasse alguma coisa, se eu não enfiasse o estilete nele, eu queira! (Diário de Campo, 19/06/2023).

Nos relatos, também foi possível observar que as profissionais alegaram que muitos homens tentam tirar a camisinha sem elas verem ou propõem pagar 500 ou até 1000 reais para transar sem preservativos, mostrando inclusive o dinheiro. Porém, não aceitaram porque sabem que possivelmente esses homens devam estar infectados com HIV ou outras doenças. Josy, a agente comunitária de Saúde de Itabaiana, representa a prefeitura municipal nos trabalhos de prevenção de ISTs, geralmente acompanhando a APROSPB. Quando visitam os barbarés, segundo Josy, a associação desenvolve trabalhos importantes nas rodas de conversa e escuta. Nesses momentos são realizadas atividades de encorajamento, empoderamento feminino e conscientização sobre violências.

Para estar em situação de prostituição nos barbarés, as mulheres precisam ser fortes e destemidas, já que, se é “explorada sexualmente, por sua vez ela explora o explorador em um ciclo bem calculado”, onde todos ganham (Rago, 2008). Nesse contexto, é possível observar que elas driblam as situações e os perigos para conseguir realizar seus objetivos. Apesar disso, vejo que nem todas possuem o mesmo destino e em atos de violências pelo seu explorador acabam morrendo.

Breves Constatações: “O cabaré quebrou depois que eu era dono e virei consumidor”

A música de forró “O Cabaré quebrou”, lançada em 2022 pelo cantor Pedrinho Pegação, conta a história de um homem que herdou o cabaré do avô, mas, de tanto consumir, ele fechou; por conseguinte, teve que repartir o que possuía no bar. Na letra, conta-se que Raquel

¹⁵ Laís, 24 anos, mãe de três filhos, moradora de Recife, profissional do sexo, conversamos com ela de forma informal, mas nos contou informações importantes que enriqueceu a pesquisa.

levou a Jukebox, Juliana o pole dance, Patrícia a máquina de fumaça e a Silene as bebidas. Esta sátira retrata objetos importantes de um bar. Quando visitei os barbarés de Itabaiana, observei que existiam todos eles. Cinco praticamente possuem as mesmas características: abrem às 8h e fecham às 22h, as profissionais do sexo são de algumas cidades da Paraíba (Mari, Sapé, Guarabira, pouquíssimas são de Itabaiana), outras vêm do estado do Rio Grande do Norte, mas a maior parte são de Olinda, Nazaré da Mata, Timbaúba, Recife, Macapara, Ibiranga e outras cidades pernambucanas.

A idade varia entre 18 e 30 anos, pois é a preferência dos clientes. As de 34 não aparentam ter essa idade e raramente encontramos mulheres com mais de 40 anos, embora que, nas observações, não encontrei nenhuma. As profissionais geralmente vêm por indicação de donos de outros bares, visto que, para manter o padrão e sempre ter novidades em seu estabelecimento, trocam informações. As mulheres, por sua vez, desenvolvem um circuito de prostituição regional; elas viajam muito para cidades que possuem bares e mercado sexual ativo. Não percebi nenhuma menor de idade, mas ouvi relatos que às vezes aparecem e não permanecem, pois os donos não querem ser processados.¹⁶ As profissionais ficam alojadas nos bares em média de 15 a 30 dias. Mediante acordo pré-estabelecido com os donos dos estabelecimentos, passam uma temporada em outros lugares e voltam. Quando isso acontece, sempre trazem uma amiga, a exemplo de Kelly e Bia, que vieram por intermédio e foram bem recebidas.

No tocante à estrutura dos bares, sempre são as mesmas características: salão com várias mesas e cadeiras em seu entorno, bebidas diversas, músicas altas no *jukebox*, em que o cliente paga de 2 a 5 reais, seleciona a música que quer ouvir e dança com a garota escolhida. Posteriormente, com o contrato acertado, podem se dirigir aos quartos e praticar o ato sexual, pagando entre 50 e 70 reais para a profissional e 20 ou 30 reais para o dono do estabelecimento. No quarto, podem ficar entre 30 e 40 minutos. As profissionais recebem uma mensagem pelo celular, avisando que o programa acabou; caso o cliente deseje mais tempo, pagará por outro programa e aluguel do quarto.

Cada bar tem em média quatro a cinco quartos, com cama de cimento, colchão, ventilador e banheiro.¹⁷ Geralmente, as profissionais ficam alojadas nestes quartos, onde dividem a cama com duas ou três mulheres, elas fazem todas as refeições por conta do bar, e também pagam as passagens de ida e volta para suas cidades de origem. Durante o dia, nos bares, ficam em média 4 a 5 profissionais, mas existiram casos em que havia 8 a 10 mulheres. Um fato importante é que há um acordo pré-estabelecido entre os donos dos bares e as profissionais, pois,

16 Existe uma legislação brasileira referente à prostituição no Brasil, mas essa discussão não faz pauta deste trabalho.

17 O quarto e último bar é o mais novo. Fica localizado afastado do centro e da PB-054. Considerado de luxo por seus clientes, fica em uma casa moderna de primeiro andar. Quando passamos pela porta, deparei-me com a piscina para festas privê, as mesas, o salão e a cozinha. Na parte de cima, ficam os quartos com ar condicionado, camas e colchões macios. As profissionais são selecionadas, realizam festas da lingerie e fazem propagandas na rede social do barra como uma tentativa de atrair clientes. Atestei que o preço do programa e o aluguel do quarto são mais caros que os dos outros estabelecimentos.

quando desejam ir embora, avisam para que possam providenciar substitutas e o bar não ficar desfalcado. Entre elas, existem divergências, mas logo são contornadas, pois o dono do estabelecimento preza pela boa convivência entre suas colaboradoras.

Contudo, afirmamos que a prostituição feminina é bastante dinâmica e complexa, reflexo de desigualdades culturais e históricas de cada região. As mulheres são mais vulneráveis, muitas delas oriundas de famílias desestruturadas, passam dificuldades, não têm oportunidades de empregos, são mães solo e veem na prostituição uma forma de sobrevivência. Quando tomam a decisão de ir para a vida “no brega”, deixam filhos com as mães ou avós para passar a temporada de bar em bar. Na maioria das vezes, escondem da família e avisam que vão trabalhar como diaristas em outras cidades.

Findando as considerações, através da descrição das tessituras e algumas histórias, o estudo demonstrou imagens de mulheres que estão em situação de prostituição, vendem serviços sexuais. Neste passo, não existe prostituição forçada, apenas interesses que se entrelaçam. As profissionais vislumbram a negociação do programa com possibilidades de gratificações ou possibilidades de arranjos afetivos, como percebi na história de Kelly. Nestes estabelecimentos de Itabaiana, os homens as procuram para conversar, consumir bebidas alcoólicas, dançar, flertar com alguma mulher, relações sexuais pagas ou outras formas de sociabilidades, tal como acontecia durante o século XX nas pensões da zona boêmia.

Busquei compreender como as profissionais constroem suas perspectivas de vida, podendo verificar que elas sabem o que querem e lutam pelos seus objetivos e seus direitos. Além disso, buscam autonomia como projeto de mobilidade social e econômica; por outro lado, transgredem as normas conservadoras de uma sociedade machista e patriarcal. Ao vender serviços sexuais, apropriam-se do corpo, ditando as regras. Nas invisibilidades e anonimato, as prostitutas são filhas, mães, vizinhas, universitárias e mulheres discretas que podem estar em qualquer lugar.

Financiamento: Não houve financiamento para a realização desta pesquisa.

Referências

BRASIL, Danielle Marinho. **A prostituição feminina e associação de prostitutas da Paraíba:** movimento social, luta política e reivindicação de direitos. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

DINIZ, Ana Cláudia Araújo. **Poder e sexo:** uma análise dos territórios de prostituição no Centro de Campina Grande-PB. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

FERREIRA, Flaviano Batista. **Enrolando-se nas ruas do Carretel e da Manichula:** espaços de vida boêmia e prostituição na cidade de Itabaiana-PB (1950-1980). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

GARCIA, Loreley; NASCIMENTO, Silvana de Souza. **Primas**: retratos da prostituição feminina na Paraíba. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

HUGHES, Everett. O papel do trabalho de campo nas ciências sociais. *In*: JUNKER, Buford (org.). **A importância do trabalho de campo**: uma introdução às ciências sociais. Rio de Janeiro: Lidaador, 1971.

LEITE, Gabriela da Silva. **Eu mulher da vida**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992.

MAIA, Sabiniano. **Itabaiana**: sua história e suas memórias. Itabaiana: [s.l.], 1976.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Prostituição à brasileira**: cinco histórias. São Paulo: Contexto, 2015.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **O doce veneno da noite**: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950). Campina Grande: EDUFPG, 2008.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PEREIRA, Nataly Barros. **Vivendo na “batalha”**: um estudo sobre o trabalho de prostitutas na Feira Central em Campina Grande-PB. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução de Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo, Veneta, 2018.

PRIORE, Mary Del. História das mulheres: as vozes do silêncio. *In*: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2003. P. 217-235.

RAGO, Luzia Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SILVA, Livia Freire da. **“Vender as carnes”**: prostituição no litoral norte paraibano. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SOUZA, Hercília Maria de Andrade. **Nas entrelinhas do discurso jurídico**: formas de viver e resistir produzidas pelas prostitutas de Ingá – PB (1940-1960). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2018.

Submetido em: 30 jan. 2025.
Aprovado em: 30 set. 2025.

Verificado por análise de similaridade do Turnitin.



“Vamo ali no bar tomar uma: ressignificações dos espaços de prostituição e sociabilidades na cidade de Itabaiana- PB”, de autoria de Flaviano Batista Ferreira, está licenciado sob CCBY 4.0.

